



AVANTE!



Boletim Nacional da RECC nº 10 - Primeiro Semestre de 2014 - www.avanterecc.wordpress.com

Não tem direitos?

NÃO VAI TER COPA!

O levante de junho de 2013 determinou um novo momento do pacto governista na luta de classes. Mas, além disso, demonstrou uma nova crise, a do reformismo em si. As massas atropelaram os métodos cupulistas e parlamentaristas do reformismo (PT, PCdoB, PSOL e PSTU), e levantaram a palavra de ordem “*Da Copa eu abro mão. Eu quero mais dinheiro pra Saúde e Educação*”. O desdobramento prático dessa palavra de ordem é: Se não tem direitos, **NÃO VAI TER COPA!**

O lema “Não vai ter copa” ecoa por todos os cantos do Brasil, nas mídias sociais, nos muros, nas periferias. A Copa do Mundo de 2014 nos mostrou ao que veio desde os processos de remoções (a “higienização social”), novamente revelando um governo aliado aos interesses privados. Apesar de ser um evento esportivo, a Copa trouxe praticamente nenhum benefício nos esportes para a juventude, já que nossas escolas e bairros continuam sem espaço esportivo adequados e permanece a elitização do futebol, a exemplo dos caros ingressos que a maioria de nós não teremos acesso. Quer dizer, a Copa sempre teve uma classe bem definida, a da burguesia, e não a daqueles que em Junho de 2013 saíram em ação direta contra o Estado.

A maior parte da juventude de junho eram estudantes de escola pública e trabalhadores precarizados, sem direitos ou com poucos destes, vindos de um sistema educacional precário. Sofrem diariamente com escolas caindo aos pedaços, merenda escolar ruim, professores desvalorizados e baixos salários. A Copa também influenciou o calendário letivo de 2014, que terá as férias durante a realização dos jogos: enquanto para o estudante da escola particular isso significará poder ir assistir aos jogos, para o estudante da pública, significará trabalhar durante os jogos.

Junho se mostrou tão combativo, em parte, pela ausência das traidoras entidades que não tinha força para frear um povo que há muito estava contido. Frente ao povo legitimamente combatendo o Estado e a burguesia, o peleguismo de setores estudantis (UNE e ANEL) e sindicais (CUT, CTB, CSP-CONLUTAS) pregavam um pacifismo incoerente

às pautas das massas. Pois essas vozes das ruas falavam em educação, saúde, transporte público, necessidades básicas que sempre nos foram negadas, e que portanto devem ser forçosamente arrancadas do Estado. Aos governos e empresários, parasitas que vivem do trabalho de um povo superexplorado, a nossa solidariedade e união mostrou que não queremos os megaeventos, as megaobras: queremos o fim da educação elitista e excludente, queremos liberdade e igualdade aos trabalhadores. E nós iremos tomar as cidades e fazê-las como queremos!



Organizar nas escolas para ir às ruas!

O modelo de entidades que temos atualmente (Grêmios, CA's, DCE's, sindicatos, associações de bairro), organizados hierárquica e burocraticamente, não é capaz de dar respostas a essas questões. Isto é consequência do distanciamento que suas direções mantêm de suas bases, imortalizando-se no topo de uma estrutura inerte. Levemos a disposição dos movimentos de rua e construamos Centros Acadêmicos, Grêmios e DCEs de baixo para cima. Para isso, é preciso que os estudantes se unam numa rede de Coletivos e Oposições combativos para atuarem

conscientemente junto à base com este objetivo de reorganizar o movimento estudantil. Nossa tarefa é: levar a revolta popular para as escolas e organizá-la!

É preciso que as organizações estudantis reivindiquem, por exemplo, melhorias na educação e transporte. Exigindo não somente mais investimento público na educação pública, mas um novo modelo de educação que garanta o acesso livre e universal nas universidades para que os estudantes das escolas públicas não precisem mais passar pelo funil que é o “ENEMBular”.

Repressão ontem e hoje: Ditadura nunca mais!

O dia 28 de Março é para nós, estudantes, uma data muito significativa. Neste dia, há 46 anos, a ditadura fazia Edson Luís o primeiro estudante vítima fatal de sua repressão, que infelizmente herdamos. Acontece que o rumo que tomou a repressão jurídica e policial atualmente não é muito diferente daquela que prendeu e torturou os que se levantaram contra a ditadura civil-militar (1964-1989). Essa data deve ser lembrada por cada estudante combativo que se levantou em junho com as massas populares.

É preciso que o sentimento de junho se alie ao sentimento dos estudantes que combateram a ditadura, a repressão policial e o modelo elitista de educação, reestabelecendo a auto-organização popular em nossas escolas e universidades, dando continuidade ao sentimento de falência das vias tradicionais, partidárias e eleitorais, tão desacreditadas após Junho.

Devemos transformar o 28 de Março numa data de luta, onde paralisemos nossas escolas e universidades para organizar marchas de rua e debater a punição aos torturadores de ontem e de hoje, dos policiais que agridem nossa juventude diariamente. Afinal, sabemos que na favela a bala da polícia mata. Precisamos impulsionar desde já a organização de base nos nossos locais de estudo, tomando o maio de 68 francês como exemplo: construindo uma greve estudantil e, aliados aos trabalhadores, organizar uma Greve Geral Contra a Copa no Brasil. ■

1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil

No dia 1º de abril de 1964 ocorreu no Brasil um golpe militar, que deu início a um dos períodos mais sangrentos da nossa história. Marcado pela ampla repressão, torturas, assassinatos e desaparecimento de diversas pessoas, a ditadura civil-militar durou 25 anos, e contou com o apoio dos setores dominantes da sociedade, a burguesia nacional e internacional.

Após a ação dos militares na tomada do governo, o PCB (Partido Comunista Brasileiro), maior organização da esquerda no período, não preparou

nenhuma resistência ao golpe, optando pela linha legalista de disputa ao governo para a transformação da sociedade. Ou seja, o “partidão” decidiu não interferir no golpe, o que acarretou em diversas dissidências em seu interior, e o resultado foi a criação de várias organizações, por trabalhadores e estudantes, que entenderam que somente através da luta combativa e armada a ditadura poderia ser derrubada.

Neste ano, completam-se 50 anos do golpe. Após tanto tempo, muitos que lutaram bravamente contra a ditadura ainda continuam desaparecidos, mas não em nossas memórias. Não devemos esquecer tais ataques contra o povo, à aqueles que deram suas vidas na batalha contra a ditadura. Os militares preparam sua comemoração ao que denominam (falsamente) “revolução de 64”, o povo deve dar a resposta, demonstrando que, do golpe à atualidade, os trabalhadores ainda não tiveram sua vitória e seguimos na luta para conquistá-la! A lembrança dos combatentes e organizações deve ser encarada não apenas como memória, mas como exemplo da necessidade da luta combativa em nossos dias!



O 28 de Março: Dia de Luta dos Estudantes!

Relembrar que há 46 anos, no dia 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro, era assassinado a tiros pela ditadura o estudante secundarista Edson Luís, durante uma manifestação estudantil por melhorias no restaurante central dos estudantes, Calabouço, é relembrar que o Estado brasileiro desde essa época tratava a educação pública de maneira parecida como trata hoje em dia, por uma lógica mercadológica. Ou seja, que estrutura a educação para as necessidades do mercado, da classe burguesa e não para uma educação que torne os estudantes conscientes e lhes dê autonomia enquanto seres humanos. E é por isso e por outras pautas importantes que Edson Luís e tantos outros estudantes daqueles anos lutaram, por uma educação pública e de qualidade.

Por um lado a Ditadura civil-militar no Brasil procurou adequar a educação de acordo com as vontades dos poderosos, assim transformando a educação em formação de mão-de-obra domesticada para o mercado, que aprenderia o máximo de conhecimento técnico – assim como vemos hoje em dia em programas aprovados pelos governos Lula/Dilma como o Pronuni e o Pronatec, que além de repassarem verba pública para a educação privada não prezam por um conhecimento crítico. Por outro, tratou de reprimir as diversas manifestações combativas contra o governo autoritário dos militares, movidas por milhares de estudantes em várias cidades brasileiras que não concordavam nem aceitavam tais medidas, uma vez que acreditavam, assim como muitos hoje, que a educação deve servir a uma formação crítica que dê condições aos estudantes de terem posturas frente a realidade que nos cerca.

A repressão às lutas populares nos dias de hoje

Se a ditadura civil-militar declarada e aberta acabou, não acabou a ditadura velada da burguesia brasileira aliada às elites internacionais. Assim como atacava as manifestações de estudantes naqueles anos, hoje ainda reprime e ataca aqueles que ousam discordar e enfrentar medidas que precarizam as condições de vida da classe trabalhadora, do campo e da cidade, dos estudantes trabalhadores. Temos hoje um cenário de lutas espalhadas pelo Brasil, que engloba tanto estudantes em luta pelo passe-livre e por uma educação digna, como trabalhadores precarizados e moradores das mais variadas periferias em luta por um transporte público e de qualidade, por melhores condições de moradia, saúde e trabalho.

As manifestações de junho de 2013 demonstraram que o povo nem está acomodado com a situação atual, nem deixou de sofrer a repressão de um Estado autoritário e violento por natureza. Muitos dos métodos de repressão da Ditadura de 1964-1989 ainda são vigentes, principalmente nas manifestações, usando desde as tradicionais bombas de gás e de efeito moral até armas de fogo, como foi o caso do RJ, bem como sequestros e assassinatos, como foi o caso do pedreiro Amarildo no RJ e do auxiliar de serviços gerais Antônio de Araújo no DF e as perseguições e prisões feitas após protestos como foi o caso dos militantes do MTST em Brasília. Dessa forma presenciamos a tentativa da polícia, servindo fielmente aos donos do poder, de “abafar” o grito do povo trabalhador que denunciou as contradições deste sistema, de um Estado que precariza deliberadamente os serviços públicos (para depois privatizá-los!), mas tem dinheiro de sobra para produzir os megaeventos como a Copa do Mundo, que servem apenas para a Burguesia nacional aliada às grandes elites mundiais acumularem cada vez mais. Assim como os trabalhadores e estudantes do povo não se calaram e enfrentaram a ditadura, temos o dever de lutar também e nos defender este ano! A luta segue! Resistiremos outra vez! ■

**O CAPUZ É O ROSTO DE UM POVO QUE LUTA!
EM MEMÓRIA E JUSTIÇA AOS MORTOS PELA DITADURA! NÃO ESQUECEMOS NEM PERDOAMOS!**



Os Megaeventos e a exploração do corpo da mulher

Cotidianamente vemos as barbáries desencadeadas pelos megaeventos e legitimadas de todas as formas pelo braço forte e leal da burguesia, o Estado. Acompanhamos, nos últimos meses, a arbitrariedade e a criminalização dos movimentos sociais de luta que ousaram se levantar contra toda e qualquer opressão imposta.

Assim como a construção de novos estádios, remoções e gentrificação da cidade, outro produto é explorado e oferecido no pacote FIFA: o corpo da mulher. Está posto que os megaeventos mundiais, Copa do Mundo e Olimpíadas, trazem uma quantidade altamente considerável de turistas que vêm atrás de diversão, espetacularização da brasilidade e do corpo da mulher miscigenada.

É preciso entender o turismo sexual como negócio extremamente exploratório/degradante para a mulher e lucrativo para o agenciador-cafetão. Como atividade econômica altamente rentável aos exploradores, o turismo sexual envolve um grau de organização e detalhamento tal qual uma agência tradicional de viagens e turismo onde o turista compra o pacote de estadia com uma acompanhante inclusa.

Faz-se necessário revelar a convivência da hotelaria burguesa (5 estrelas) com as práticas de prostituição. Na tentativa de agradar o hóspede, caros e famosos hotéis oferecem catálogos onde mulheres são expostas à venda, e assim fecham os olhos para um problema social grave, que é a prostituição.

Além dessas questões, o turismo sexual revela lados ainda mais duros e cruéis como: o tráfico de mulheres, exploração sexual infantil e

marginalização das travestis e mulheres transgênero.

Dos países da América do sul, o Brasil é hoje o Estado com maior número de mulheres traficadas para fins sexuais. Muitas vezes, mulheres originárias de cidades muito pobres do interior são enganadas com a promessa de uma vida melhor. Várias já conhecem desde cedo a rotina da exploração de seus corpos: drogas e trabalhos de até 10, 12 horas por dia.

Medidas governistas e débeis de combate à prostituição através de cartilhas, e projetos paragovernistas de lei que colocam a prostituição como um micronegócio, só legitimam a farsa burguesa da emancipação da mulher. A mercantilização do corpo e da sexualidade da mulher cisgênero e transgênero alimenta o bolso da grande burguesia e de muitas mulheres, que ao explorarem suas “companheiras”, tornam-se inimigas de

NOS BASTIDORES DA COPA...



classe.

A emancipação da mulher virá por ela mesma e pela via classista. Cabe a todas as mulheres trabalhadoras lutar lado a lado para a emancipação de todas as frações da classe proletária! É preciso solidarizar-se às prostitutas e combater todas as formas de sobrevivência precária! ■

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Enfim, o novo PNE foi aprovado. E aí, o que mudou?

No dia 17 de Novembro de 2013, o Senado Federal aprovou o PNE 2011 – 2020 (PLC 103/12). Isto tornou clara a subserviência do governo (Dilma/PT) ao setor privado.

Durante o ano de 2012 e 2013, a maior polêmica sobre o PNE girou em torno da bandeira dos 10% do PIB para a educação pública, mas sem ao menos questionar para que tipo de programa esse dinheiro seria destinado. Ocorre que a luta por mais investimentos na educação não se restringiu somente aos Movimentos Sociais. O setor privado também desejava

uma maior parcela de recursos para programas como PROUNI, FIES e PRONATEC. Nesse novo PNE a concepção de uma educação está corroída pelas parcerias público-privadas, de forma que compromete a concepção de educação pública.

Como havíamos analisado e denunciado, o movimento social e sindical, em vez de combater o neoliberal PNE, se concentrou na luta pelos 10% do PIB da educação, caindo em falsa polêmica. O Senado aprovou. Vai aumentar a destinação de verbas públicas para a Educa-

ção Privada, via PRONATEC, PROUNI, etc...

Ou seja, UNE, ANEL, CUT, Sindicatos, PT, PCdoB, PSOL, PSTU, CONLUTAS ajudaram na aprovação do PNE Neoliberal. Como consequência poderão ter uma juventude explorada e expropriada pelo capital.

Como lição fica o dever de voltarmos para os nossos locais de estudo, trabalho e moradia e nos organizarmos para debater uma educação popular, um projeto político a serviço do povo, lutar por ele e alterar o rumo das políticas desejadas pelo capital. ■

I ENOPES: pela (re)construção do Sindicalismo Revolucionário!



Nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2013, no Rio de Janeiro, mais de 150 trabalhadores(as), estudantes e ativistas das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, estiveram presentes no I Encontro Nacional de Oposições Populares, Estudantis e Sindicais (ENOPES).

O I ENOPES foi constituído por espaços de discussões acerca das contradições imanentes à sociedade capitalista, e dos obstáculos enfrentados pela classe trabalhadora na organização da resistência a essas contradições. Esse debate teve como

É Barricada, Greve Geral e Ação Direta que derruba o Capital!

objetivo a construção de uma linha política e planos de luta em contraposição às constantes investidas do capital, rompendo com as táticas governistas e reformistas adotadas pelos sindicatos tutelados pelo Estado, que não atendem aos interesses da classe trabalhadora.

Uma Tendência Classista e Internacionalista construída sobre os princípios de Democracia de Base e Ação direta foi apontada pelos participantes como a solução dos problemas de organização atuais da classe trabalhadora. A materialização des-

sa proposta ocorrerá no empenho da classe na (re) construção do Sindicalismo Revolucionário.

Reivindicações relacionadas ao trabalho, terra, educação, saúde, transporte e liberdade que expressam as aspirações coletivistas das massas foram elaboradas em conjunto com um calendário de lutas no ano de 2014, sendo o foco principal a construção da Greve Geral pela base.

A Rede Estudantil Classista e Combativa foi protagonista e faz coro às decisões do encontro. ■

Leia a declaração final do ENOPES em:
www.enopes2013.wordpress.com

ELEIÇÕES ESTATAIS

Abaixo a farsa eleitoral do Estado burguês: *Todo Poder para o Povo!*

Qual sentido leva os eleitores às urnas? Por que votar nesse país? Muitos são movidos pela crença de que vivemos em um Estado democrático, a fábula das urnas! É possível falar em democracia no Brasil? Como funciona a máquina eleitoral? Olhando mais atentamente o processo que desencadeia a eleição estatal chegamos à seguinte conclusão: essa democracia representativa é uma farsa!

Detrás de cada político existem investimentos de grupos econômicos na campanha e na manutenção dos mesmos, enquanto representantes desses interesses. Significa que será eleito aquele capaz de gerir os interesses desses grupos e empresas. Um exemplo claro pode ser observado no sistema de transporte: as empresas que financiam o “candidato” conseguem manter suas margens de lucro intocáveis. Sim, o Estado e seus governos protegem o

lucro do capitalista, através da lei, da propaganda e do porrete.

O nosso voto assume então uma lógica contraditória, afinal ele perde o sentido de representação, pois são os interesses dos capitalistas que vão prevalecer e não os do povo. Por isso percebemos que, enquanto houver desigualdades sociais, é impossível uma real “liberdade política”. Nesse contexto, as eleições serão sempre uma arma dos poderosos para legitimar seu poder e autoritarismo com ares de “democracia”.

No entanto, no último ano muitas ilusões com o Estado caíram por terra. O coronelismo (violência), o clientelismo (cooptação material) e o oportunismo (cooptação ideológica) são a cada dia desmascarados: eles não mudam a vida do povo, apenas reproduzem o sofrimento! As eleições de

2014 se aproximam e a única alternativa possível é aprofundar a luta popular combativa. Não devemos ir às urnas, devemos ir as manifestações, organizar a luta em nossos locais de trabalho, estudo e moradia, construir a Greve Geral. Isso significa tomar para nós a resolução dos nossos problemas, único meio de criar condições para a tomada do poder pelo povo e para a revolução! ■

Não vote, Lute! Construir a Greve Geral!

